



II «mistero del corpo parlante»

Le «mystère du corps parlant»

O «mistério do corpo falante»

The «mystery of the speaking body»

El «misterio del cuerpo hablante»

AINDA O CORPO: perambulações

“*Encore le corps*”¹ é o título de um texto de Roland Barthes, estabelecido a partir de uma entrevista de 1978. Deparei-me com esse texto incidentalmente, ao longo de um flamar entre “*O prazer do texto*” e os “*Fragments de um discurso amoroso*”, para onde me havia conduzido uma pesquisa atual sobre a *letra*, assim como o Prelúdio de Marc Strauss, “*Variações lacanianas*” de maio de 2010.

Este último havia tido a ousadia de colocar o leitor na cama para conduzi-lo, enfim, ao divã. É claro que era o que havia feito Lacan desde o princípio do Seminário “*Mais ainda: “É esse discurso que me suporta e, para recomencá-lo este ano, vou primeiro supor vocês na cama, uma cama de pleno uso, de casal*”²”. Seminário em que Lacan coloca explicitamente a questão da articulação entre o gozo, o discurso amoroso que ele fomenta e o discurso do analista.

Marc Strauss a isso responde emitindo a hipótese “*de uma teoria generalizada do gozo outro*”, ou seja, “*de uma relação entre o gozo outro, feminino que não acede ao simbólico e a subs(is)tância gozante do real da língua*” e dela desdobra as consequências para a estrutura e a clínica. Consequências, em particular, para o fim da análise: “*feminização*”, naquilo que o sinthoma, que dela se depreende e sustém o corpo insensivelmente, se acha alguém – além do falo. Fim da análise acima de seus meios, evocado por Lacan quando ele feminiza a letra e o analista, ao que Barthes, de certa forma, aliás, vai ao encontro quando diz que o amor feminiza³. O que é isso, esse novo amor o qual dispõe a psicanálise?

A psicanálise é “*esse dispositivo no qual o real toca o real*”⁴, dispositivo de um saber-fazer a passagem da fala à escrita, que além da castração e de seu gozo fora do corpo, dá acesso no corpo [*en-corps*] ao outro gozo.

Dispositivo em que a estrutura mostra-se manejável até restituir ao sujeito o uso da *letra* e do corpo: dispor do corpo que se tem e do sintoma que se é.

Dispositivo que solta a língua e a torna disponível tanto para fazer amor quanto para fazer a letra com esses signos estranhos inscritos no amuro.

Mas, flanemos um pouco.

Ainda o corpo, esse texto de Roland Barthes, começa assim: “*Acredito que seja preciso começar por dizer que existem, efetivamente, diversos corpos. É um objeto que parece muito simples, muito objetivo, o corpo humano é muito físico, todo mundo pensa que se pode entrar em acordo*

1 Barthes, Roland. “*Encore le corps*” in *Œuvres complètes V*: Paris, Seuil, p. 561.

2 Lacan, Jacques. *Mais ainda (1975)*: Paris, Seuil, 2008, p. 10.

3 Barthes, R. “*Fragments d’un discours amoureux*” in *Œuvres complètes V*: Paris, Seuil, p. 42.

4 Lacan Jacques. *Outros Escritos*- Resumo de *Ou pior*

em relação a isso – ao passo que, na realidade, percebe-se que disciplinas, ciências extremamente diversas estão aptas a lidar com um certo corpo humano, e que esses corpos, eu direi, têm muita dificuldade em comunicar-se entre si...5”

Nada de novo, a não ser sua afirmação conclusiva: *“Mas essa ordem de sutileza, todo esse domínio imenso da intersubjetividade do corpo, evidentemente não é a ciência que pode atingi-lo, percebê-lo: é sem dúvida em parte a psicanálise, que é a única ciência psicológica, que se tenha hoje ocupado verdadeiramente do corpo. Mas esse mundo da sutileza e da fragilidade do corpo humano, para mim, não há senão a literatura que possa verdadeiramente dele dar conta6”*.

Aí parece estar a renovação da vez, que Barthes representou para a literatura. É disso de que ele presta contas em *“O prazer do texto”* e os *“Fragmentos de um discurso amoroso”*: aí desenvolvendo seriamente como o que faz texto e o que faz amor é a alíngua.

“Em todo o decorrer da vida amorosa, as figuras surgem na cabeça do sujeito enamorado sem nenhuma ordem, pois elas dependem a cada vez de um acaso (interior ou exterior). A cada um desses incidentes (o que lhe “cai” sobre), o enamorado tira da reserva (o tesouro?) figuras, segundo as necessidades, as injunções ou os prazeres de seu imaginário. Cada figura estoura, vibra sozinha como um som separado de toda melodia ou se repete, até não poder mais, como o motivo de uma música que fica pairando. Nenhuma lógica liga as figuras, não determina sua contiguidade: as figuras estão fora de sintagma, fora de narrativa; são Erinias; elas agitam, colidem, apaziguam-se, retornam, distanciam-se, sem mais nenhuma ordem só um vôo de mosquitos. O dis-cursus amoroso não é dialético...7”

Desde o grego *poiêsis* sabe-se que há um fazer no saber da alíngua.

Desde o amor cortês sabe-se que não é preciso tocar na mulher para fazer-lhe amor com as palavras.

A alíngua inscrita nas dobras do corpo, na qual se ancora [*s’ancre*] (se tinge) [*s’encre*]. *“O pêndulo vivo que desceu do som para o próprio sentido que se propõe a seu espírito não encontrava outra saída, outra expressão, outra resposta a não ser essa própria música que lhe deu origem”* como diz bem Paul Valéry8.

“Mas por que o outro é necessário, o apoio do outro?”, pergunta Marc Strauss.

“O outro está ausente como referente e presente como alocutário” diz Barthes9. Mas é no caminho de Blanchot que vamos recolher pistas, lascas de discurso:

“Se ‘O Castelo’ detém em si como seu centro (e a ausência de todo centro) o que chamamos de neutro, o fato de nomeá-lo pode permanecer sem consequências.

Por que esse nome?

Por que esse nome? Isso é bem um nome?

- Seria uma figura?

- então uma figura que não figura nada a não ser esse nome

- e por que só um falante, uma só fala não podem nunca conseguir nomeá-lo? É preciso ao menos dois para dizê-lo.

- Eu sei. É preciso que sejamos dois.

5 Barthes, Roland. *“Encore le corps”* in *Œuvres complètes V*: Paris, Seuil, p. 569.

6 *Idem* 3.

7 *Idem* 3, p. 51

8 Valéry, Paul. *« Variété »* in *Œuvres complètes V*: Paris, Minuit, p. 1332.

9 Blanchot, Maurice *« L’Entretien infini »*: Paris, Gallimard, p. 582.

- *Mas por que dois? Por que duas falas para dizer a mesma coisa?*
- *é que aquele que a diz, é sempre o outro”.*

É no oco do outro que a alíngua pode ressoar e aí produzir ainda no corpo [*en-corps*] o som do fora de sentido; ainda é preciso aí fazer o passo-para-ler [*pas-à-lire*].

Fazer re-soar junto ao Outro o som do fora de sentido, ou seja, do “no corpo” [*en-corps*]: “The sound of the silence”: o que faz bem-dizer Louise Labé:

*“E não me posso dar contentamento,
Se, fora de mim, não faço alguma investida”.*

Enfim, portanto, por que não deambular um pouco do lado de Louise, a Bela Cordoeira:

*Beija-me ainda, beija-me de novo e beija:
Dai-me um dos teus mais saborosos,
Dai-me um dos teus mais amorosos:
Dar-te-ei quatro, mais quentes que brasa.*

*Cansado, reclamas? Isso, que esse mal abrando,
Dando-te dez outros açucarados.
Assim, misturando nossos beijos tão afortunados
À vontade, um do outro gozando.*

*Quando vida em dobro a cada um resultará
Cada um em si e seu amigo viverá
Permita-m' Amor pensar alguma desmedida*

*Sempre estou mal, discretamente vivendo,
E não me posso dar contentamento,
Se, fora de mim, não faço alguma investida.*

Disputa da Loucura e do Amor, século XVIII.

Dominique Finger
(tradução Cicero Oliveira)